

# DESAFIOS DA SAÚDE E DA IDENTIDADE: ESTRATÉGIAS DE ASSISTÊNCIA E CUIDADO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE PARA MULHERES TRANS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Júlia Assis Martins<sup>1</sup>  
Jéssica Batista Araujo<sup>1</sup>  
Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA<sup>1</sup>

## RESUMO

**Introdução:** A violência doméstica contra mulheres trans demanda um cuidado específico, contudo, existe uma lacuna crítica entre as políticas de saúde e a prática assistencial. **Objetivo:** Analisar, por meio de uma revisão de literatura, os principais desafios e as estratégias de cuidado recomendadas para essa população nos serviços de saúde. **Método:** Realizou-se uma revisão de literatura nas bases de dados PubMed, LILACS e SciELO, guiada pela estratégia PICO, da qual foram selecionados 26 artigos para análise. **Resultados:** Os resultados apontam como desafios centrais o despreparo profissional, barreiras institucionais pautadas no cisgenderismo e a ausência de protocolos clínicos adaptados, fatores que perpetuam a exclusão. Evidenciou-se o severo impacto na saúde mental e a intensificação das vulnerabilidades por marcadores interseccionais. **Conclusão:** Conclui-se que a superação dessas barreiras é um imperativo ético e exige uma transformação estrutural nos serviços de saúde, a fim de garantir um cuidado equânime e concretizar os princípios do SUS.

**Palavras-chave:** Pessoas Transgênero; Violência Doméstica; Assistência à Saúde.

## INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra mulheres é um grave problema de saúde pública que abrange atos que resultam em dano físico, sexual ou psicológico<sup>1</sup>. Nesse contexto, a recente decisão do Supremo Tribunal de Justiça (STJ) que ampliou a Lei Maria da Penha às mulheres trans tornou urgente a adequação dos serviços de saúde para as especificidades dessa população. Historicamente marginalizadas e estigmatizadas, as mulheres trans enfrentam barreiras no acesso a um cuidado equitativo após violência<sup>2</sup>.

Diante disso, as ações em saúde devem ser pautadas em práticas de transafirmação, que abordem suas necessidades únicas. A ausência de protocolos específicos e o despreparo profissional contribuem para a revitimização e o afastamento dos serviços de saúde<sup>3</sup>. Portanto, um cuidado integral exige desde a profilaxia de ISTs até o acolhimento psicológico e o encaminhamento para uma rede de proteção intersetorial. Assim, esta pesquisa objetivou analisar as estratégias de assistência para mulheres trans vítimas de violência doméstica, identificando os desafios e as recomendações para um atendimento eficaz.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão de literatura orientada pela estratégia PICO para investigar as estratégias de cuidado (Intervenção) para mulheres trans (População) em situação de violência doméstica, visando identificar desafios e práticas recomendadas (Resultados). A busca foi conduzida nas bases de dados PubMed, LILACS e SciELO, com descritores em inglês (MeSH) e português (DeCS), como *"Transgender Persons"*, *"Domestic Violence"* e *"Health Services"*. Os critérios de inclusão abrangeram artigos dos últimos cinco anos, em português e inglês. Foram excluídos estudos duplicados, editoriais e materiais que não respondiam à pergunta de pesquisa. De 256 estudos iniciais, 42 foram lidos na íntegra, resultando numa amostra final de 26 publicações (13 PubMed, 8 LILACS, 5 SciELO) submetida à análise qualitativa de conteúdo.

## RESULTADOS

A literatura aponta desafios estruturais e profissionais no atendimento a mulheres trans vítimas de violência, pautados em estigmas e no despreparo das equipes. Embora a necessidade de protocolos específicos para um cuidado humanizado seja ressaltada, a experiência das pacientes é polarizada entre discriminação e acolhimento<sup>4</sup>. A transfobia estrutural, o racismo e o cisgenderismo nos serviços de saúde emergem como barreiras, com profissionais replicando padrões cisnormativos que agravam o sofrimento<sup>5</sup>. Nesse contexto, a necessidade de aprimoramento na capacitação da equipe de saúde é um achado central. A formação acadêmica deficitária sobre gênero, resulta em profissionais com pouca experiência no atendimento a pessoas trans, intensificando estigmas e ocultando sinais de violência<sup>6</sup>. A formação continuada é, assim, apontada como componente crucial para ampliar a expertise técnica e promover o respeito.

Paralelamente à capacitação, a comunicação inadequada é outra barreira central. O desrespeito ao nome social configura violência psicológica, sendo agravado pela falta de sigilo e vazamento de informações por parte de profissionais, o que afastamento<sup>7</sup>. Para além da comunicação, a eficácia do atendimento depende de

protocolos clínicos sensíveis e adaptados. Na avaliação inicial, é preciso investigar o estado físico e emocional da vítima e considerar hormonioterapia e cirurgias no manejo clínico<sup>8</sup>. Durante os exames físicos, indica-se o uso de espelhos pediátricos para conforto e a coleta de evidências forenses deve ser conduzida de forma respeitosa, com encaminhamento para exames de ISTs/HIV<sup>9</sup>.

O impacto da violência na saúde mental da população transgênero mostra-se severo, alta prevalência de ideação suicida ligada ao preconceito e à falta de apoio social. A violência psicológica figura como a segunda forma mais comum de agressão, e emerge também o "abuso de identidade", uma tática de controle que mina o autoconceito e eleva a demanda por suporte psíquico<sup>10</sup>. Os achados reforçam a maior vulnerabilidade de pessoas trans à violência em comparação aos pares cisgênero. Dados de violência por parceiro íntimo (VPI) mostram 82% de prevalência, sobretudo em mulheres trans jovens, negras e de baixa escolaridade. A interseccionalidade é crucial, pois marcadores como raça, classe, moradia instável e trabalho sexual potencializam o risco e a exposição a violências múltiplas <sup>11</sup>.

Diante desse cenário, o suporte multiprofissional e intersetorial é primordial. Curiosamente, apesar das barreiras, jovens TGD que sofreram VPI buscam mais serviços formais do que seus pares cisgênero<sup>12</sup>. Contudo, a busca por ajuda ainda é drasticamente baixa, com a maioria das vítimas não procurando um serviço de saúde (93,2%) nem a polícia (93,9%) após um episódio de violência sexual, por medo de mais discriminação<sup>13</sup>. Na ausência de atendimento formal, a rede de apoio entre pares torna-se crucial, o que demanda maior integração entre hospitais, ONGs e segurança pública para consolidar uma rede de proteção eficaz<sup>14</sup>.

## **CONCLUSÃO**

O estudo expõe a lacuna existente entre as políticas de saúde e a prática assistencial a mulheres trans vítimas de violência. O despreparo profissional, somado à falta de protocolos e a barreiras institucionais, compromete o acesso, impactando a saúde mental e agravando vulnerabilidades interseccionais. A escassez de literatura unindo a tríade população trans, violência e protocolos reforça a urgência de capacitação, do fortalecimento de redes e de novas pesquisas de campo. Assim,

superar tais obstáculos é um imperativo ético essencial para efetivar a universalidade, integralidade e equidade do SUS.

## **AGRADECIMENTOS**

Os autores agradecem à Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA) pelo apoio financeiro via bolsa do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PBIC).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- <sup>1</sup> **Violência contra as mulheres - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde.** Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>>. Acesso em: 1 set. 2025.
- <sup>2</sup> DRABISH, K.; e THEEKE, L. A. Health Impact of Stigma, Discrimination, Prejudice, and Bias Experienced by Transgender People: A Systematic Review of Quantitative Studies. **Issues in Mental Health Nursing**, v. 43, n. 2, p. 111–118, fev. 2022.
- <sup>3</sup> LEAL, G. DA C.; JÚNIOR, J. N. DE B. S.; FERREIRA, Q. R.; et al. Institutional Violence Perpetrated against Transgender Individuals in Health Services: A Systematic Review of Qualitative Studies. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 21, n. 8, p. 1106, 21 ago. 2024.
- <sup>4</sup> PINHEIRO, T. F.; CARVALHO, P. G. C. DE; NOLASCO, G.; et al. Dificuldades e avanços no acesso e no uso de serviços de saúde por mulheres trans e travestis no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 27, p. e240007.supl.1, 2024.
- <sup>5</sup> DU MONT, J. A.; KELLY, C. E.; SEO, H.; et al. Enhancing care for transgender and gender diverse survivors of intimate partner violence: an Ontario-wide survey examining health and social service providers' learning needs. **BMJ open**, v. 14, n. 2, p. e075180, 8 fev. 2024.
- <sup>6</sup> CHANDRAMANI, A.; DUSSAULT, N.; PARAMESWARAN, R.; et al. A Needs Assessment and Educational Intervention Addressing the Care of Sexual Assault Patients in the Emergency Department. **Journal of Forensic Nursing**, v. 16, n. 2, p. 73, jun. 2020.

- <sup>7</sup> BARBOSA, P. R. N.; e ROMANO, V. F. As pessoas transexuais e travestis e a invisibilidade na Atenção Primária à Saúde. **HU Rev. (Online)**, p. 1–8, 2024.
- <sup>8</sup> DU MONT, J.; SAAD, M.; KOSA, S. D.; et al. Providing trans-affirming care for sexual assault survivors: An evaluation of a novel curriculum for forensic nurses. **Nurse Education Today**, v. 93, p. 104541, out. 2020.
- <sup>9</sup> MORAL-MARTOS, A.; GUERRERO-FERNÁNDEZ, J.; GÓMEZ-BALAGUER, M.; et al. Clinical practice guidelines for transsexual, transgender and gender diverse minors. **Anales de Pediatría (English Edition)**, v. 96, n. 4, p. 349.e1-349.e11, 1 abr. 2022.
- <sup>10</sup> PEITZMEIER, S. M.; MALIK, M.; KATTARI, S. K.; et al. Intimate Partner Violence in Transgender Populations: Systematic Review and Meta-analysis of Prevalence and Correlates. **American Journal of Public Health**, v. 110, n. 9, p. e1–e14, set. 2020.
- <sup>11</sup> HENTGES, B.; MARTINS, R. S.; SILVA, J. DA R. P. DA; et al. Violência sexual durante a vida em mulheres trans e travestis (MTT) no Brasil: Prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 27, p. e240013.supl.1, 2024.
- <sup>12</sup> SCHEER, J. R.; e BAAMS, L. Help-Seeking Patterns Among LGBTQ Young Adults Exposed to Intimate Partner Violence Victimization. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 36, n. 17–18, p. 8050–8069, set. 2021.
- <sup>13</sup> SAAD, M.; BURLEY, J. F.; MILJANOVSKI, M.; et al. Planning an intersectoral network of healthcare and community leaders to advance trans-affirming care for sexual assault survivors. **Healthcare Management Forum**, v. 33, n. 2, p. 65–69, 1 mar. 2020.
- <sup>14</sup> MONT, J. D.; KOSA, S. D.; HEMALAL, S.; et al. Formation of an intersectoral network to support trans survivors of sexual assault: A survey of health and community organizations. **International Journal of Transgender Health**, v. 22, n. 3, p. 243–252, 2021.